

# Tricotomistas, Carismáticos e 1 Coríntios 14

Daniel M. Brown

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

1 Coríntios 14 é um dos capítulos mais populares na Bíblia para os carismáticos. Praticamente todo autor carismático que escreve algo sobre os dons do Espírito Santo, se referirá a esse capítulo. Ironicamente, 1 Coríntios 14 é uma das repreensões mais fortes contra o ensino carismático moderno sobre línguas, mas os carismáticos são completamente alheios a esse fato, pois lêem o capítulo com uma mentalidade tricotomista. Em poucas palavras, esse argumento contra as línguas carismáticas é o seguinte:

1. Nenhum carismático alega entender as línguas que ele fala.
2. 1 Coríntios ensina claramente que aquele que fala em línguas bíblicas entende as palavras que saem dos seus lábios.
3. Portanto, o fenômeno carismático moderno de línguas não tem nada a ver com as línguas da Bíblia.

Quando um carismático lê 1 Coríntios 14:14, “o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto”, ele lê isso como significando o seguinte: seu espírito expressa palavras que sua própria mente não entende. Baseado numa visão tricotomista ou tripartite do homem, ele alega que seu espírito fala numa linguagem celestial que ultrapassa o entendimento mental da sua alma. Contudo, um estudo cuidadoso da Escritura concernente ao espírito e alma revela que a Bíblia não ensina tal conceito. Esse conceito de tricotomia é fundamentado na filosofia grega, não na doutrina bíblica. Embora comum no gnosticismo e em outras religiões de mistério, a Bíblia não conhece tal conceito carismático de edificação à parte do entendimento. Na verdade, a Bíblia frequentemente usa os termos espírito e alma intercambiavelmente. Passagens mostrando o pensamento e o entendimento cognitivo no espírito da pessoa são inescapáveis. Veja Mt. 26:41, Mc. 2:8, Lc. 1:46-47, Atos 17:16, 1Co. 2:11, 1Pe. 3:3-5.

Além do mais, o carismático interpreta a palavra “mistérios” em 1Co. 14:2 como significando expressões ininteligíveis, ou línguas, dos seus lábios. Todavia, o Novo Testamento nunca usa a palavra grega *mysterion* de tal maneira. Todo o Novo Testamento define “mistério” como a revelação do evangelho de Cristo que estava oculta nos séculos passados, mas foi agora

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em julho de 2008.

revelada aos Seus santos. Veja Mt. 13:10, Mc. 4:11, Lc. 8:10, Rm. 11:25, Rm. 16:25-27, 1Co. 2:7, 1Co. 15:51, Ef. 3:2-6, Cl. 1:25-27. Jesus e Paulo usam claramente a palavra “mistério” num sentido completamente diferente daquele que os carismáticos usam hoje. Mistério era verdade revelacional, oculta no passado, mas agora revelada e entendida. Victor Budgen escreve em seu excelente livro<sup>2</sup>: “Longe de ser algo oculto ou escondido, um ‘mistério’ é um segredo gloriosamente aberto que nós mesmos nunca teríamos descoberto, não tivesse Deus o revelado.” Claramente, se alguém não entende os mistérios dos quais Paulo fala, ele não pode ser chamado um cristão!

### Dicotomia versus Tricotomia

Brian Onken observa astutamente, em seu excelente artigo sobre os perigos da tricotomia,<sup>3</sup> que a mentalidade tricotomista leva a um denegrir do intelecto e do estudo doutrinário rigoroso. Na verdade, uma das queixas mais ouvidas de ex-carismáticos é que as suas igrejas carismáticas tornaram-se tão anti-intelectuais e anti-doutrinárias, que eles não poderiam mais em boa consciência sujeitar seus filhos a tal absurdo. Pessoalmente tive um pastor carismático em Connecticut que me disse: “Dan, seu problema é que você adora o Pai, o Filho e as Sagradas Escrituras! Você precisa gastar menos tempo lendo e mais tempo aprendendo a agir no Espírito.” O anti-intelectualismo corre solto no movimento carismático/pentecostal e é um resultado direto da tricotomia. Alguns dos proponentes mais vigorosos da tricotomia, incluindo Watchman Nee e Andrew Murray, são amplamente lidos pelos carismáticos. Autores tricotomistas afirmam abertamente que o “poder da alma”, significado o poder do intelecto, impede a verdadeira espiritualidade. E a única forma de viver uma vida espiritual santa é crucificar a carne e a vida da alma. Tais visões são mais parecidas com o gnosticismo do que com uma cosmovisão bíblica, calvinista, otimista e pós-milenista. O povo Reformado entende que o pecado afetou todas as partes do homem, não apenas sua carne e mente, e que a vida ressurreta de Cristo aplica-se ao homem todo, não apenas ao seu espírito. Louis Berkhof observa que, na maior parte da história, a igreja manteve uma visão dicotomista do homem, particularmente de Agostinho em diante.<sup>4</sup> A visão tricotomista viu um reavivamento no século dezenove e, não surpreendentemente, o reavivamento pentecostal/carismático encaixou-se completamente nela.

A tricotomia também teve um efeito forte nas denominações evangélicas que normalmente não se chamariam carismáticas, particularmente

<sup>2</sup> Victor Budgen, *The Charismatics and the word of God*, p. 48, Evangelical Press, 2001. ISBN 0-85234-264-0.

<sup>3</sup> Brian Onken, “Dangers of the ‘Trinity’ in Man”, Statement DT170 of Christian Research Institute, P.O. Box 7000, Rancho Santa Margarita, CA 92688.

<sup>4</sup> Louis Berkhof, *Systematic Theology*, p. 192, Eerdmans Publishing, reprinted 1984.

as denominações mais liberais que tem pouca ou nenhuma ênfase sobre os credos ou confissões históricas. Os Batistas do Sul vêm à mente aqui. Embora não se chamem carismáticos, sem dúvida existe uma forte influência carismática na SBC e muitos Batistas do Sul parecem carismáticos sem o falar em línguas. Quando tentando corrigir algum erro doutrinário com tais pessoas, freqüentemente ouvimos declarações como: “Bem, ouvi o que você está dizendo, mas irei direto para casa a fim de orar e ver o que o Espírito Santo me diz sobre essas passagens da Escritura.” A despeito de uma freqüente demonstração externa de humildade quando dizendo tais coisas, a tricotomia deu-lhes uma escusa para rejeitar a autoridade da igreja – ordenada por Deus – e os credos históricos dos Pais da Igreja. A tricotomia gera uma mentalidade hiper-independente e individualista, que é cega para os aspectos factuais e corporativos do Espírito Santo.

Em contraste com a tricotomia, é Cristo mesmo, não a Deidade Trinitariana, que nos mostra com o que se parece o homem espiritual ideal. Cristo era o perfeito israelita sem pecado, cumprindo todos os requisitos da Lei, a verdadeira Semente de Abraão através de quem todas as nações são abençoadas, o herdeiro eterno do trono de Davi, que tem um corpo plenamente ressurreto, a ponto de poder comer e beber com os Seus santos. É isso: “um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai; pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne pelo Espírito Santo da Virgem Maria, e foi feito homem;”<sup>5</sup> é esse Cristo, que é tanto Deus como Homem, que ressuscitou dos mortos para se assentar sobre o Seu trono à destra de Deus. E assim como o Filho submeteu todo o Seu Ser dicotômico ao Pai e todo o Seu Ser dicotômico foi ressuscitado dentre os mortos, assim nós submetemos todo o nosso ser a Cristo, na esperança dos nossos corpos mortais serem ressurretos na Sua segunda vinda, 1Co. 15:20-28, 1Ts. 4:13-17. Evitamos o erro dos apolinarianos, todavia, evitamos também o erro dos nestorianos, pois não negamos nem confundimos a divindade de Cristo com a Sua humanidade.<sup>6</sup>

Vários autores Reformados têm lidado com os argumentos para a dicotomia e tricotomia (bem como para o monismo). Assim, revisaremos apenas brevemente os argumentos aqui. A dicotomia, ou a visão que o homem é uma unidade de corpo e alma, ou corpo e espírito, vê as partes material e imaterial unidas no homem. Espírito e alma são termos usados intercambiavelmente para o mesmo elemento imaterial no homem, mas de pontos de vista diferentes. Algumas passagens da Escritura que apóiam a

<sup>5</sup> *Nicene Creed*, originating at the Council of Nicea in AD 325 and adopted by the Council of Chalcedon in AD 451 to refute heresies on the Trinity and dual nature of Christ.

<sup>6</sup> R. J. Rushdoony, *The Foundations of Social Order*, pp. 24, 56, Thoburn Press, 1978.

dicotomia incluem: Gn. 2:7, Jó 32:8, Jó 33:4, Ec. 12:7, Is 10:18, e Mt. 10:28. Algumas vezes a Escritura fala de uma dicotomia de corpo e alma, como em Mt. 6:25 e Mt. 10:28, e outras de uma dicotomia de corpo e espírito, como em Eclesiastes 12:7, 1Co. 5:3-5, 1Co. 7:34. A morte é mencionada como a entrega da alma, conforme aparece em Gn. 35:18, 1Rs. 17:21, Atos 15:26, e como a entrega do espírito, como em Sl. 31:5, Lc. 23:46, Atos 7:59. A parte material que sobrevive à morte é descrita como a alma, conforme Ap. 6:9 e Ap. 20:4 e como o espírito, como em Hb. 12:23, 1Pe. 3:19. A alma comunga com Deus em Tiago 1:21 e Hebreus 6:19 e o espírito tem comunhão com Deus em Rm. 8:16 e 1Co. 6:20. A passagem de 2Co. 7:1 fala do pecado afetando corpo e espírito, e Ef. 2:3 fala do pecado afetando a carne e a mente. A dicotomia presente nas Escrituras é óbvia, bem como o uso intercambiável de alma e espírito. João Calvino demonstra claramente a visão dicotomista quando escreve:

Afinal, que o ser humano consta de alma e corpo, deve estar além de toda controvérsia. E pela palavra alma entendo uma essência imortal, contudo criada, que lhe é das duas a parte mais nobre. Por vezes também é chamada espírito. Ora, ainda que estes dois termos difiram entre si em sentido quando ocorrem juntos, contudo, onde o termo espírito é empregado separadamente, equivale a alma.<sup>7</sup>

Da mesma forma, Charles Hodge defende a visão tradicional dicotomista no segundo volume da sua *Teologia Sistemática*:

Esta doutrina de uma constituição tríplice do ser humano adotada por Platão foi parcialmente introduzida na Igreja primitiva, mas logo veio a ser considerada danosa, se não herética. Os gnósticos sustentaram que o *pneuma* no homem era parte da essência divina e incapaz de pecar; e os apolinarianos afirmaram que Cristo possuía apenas um *soma* e *psuche* humanos, mas não um *pneuma*, e a Igreja rejeitou tal doutrina de que a *psuche* e o *pneuma* eram substâncias distintas, uma vez que tais heresias nela se fundamentavam. Nos últimos tempos, os semipelagianos ensinaram que a alma e o corpo, mas não o espírito humano, eram os sujeitos do pecado original. Todos os Protestantes, Luteranos e Reformados, foram, pois, mais prudentes em sustentar que alma e espírito, *psuche* e *pneuma*, são uma e a mesma substância e essência. E essa, como já se observou, tem sido a doutrina comum da Igreja.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, Book I, Chap XV, Sec 2.

<sup>8</sup> Charles Hodge, *Systematic Theology*, Vol II, p. 51, Hendrickson Publishers, 2003. ISBN 1-56563-459-4.

As duas passagens primárias da Escritura usadas para apoiar a tricotomia (a visão que o homem consiste de três partes: espírito, alma e corpo) são 1 Tessalonicenses 5:23<sup>9</sup> e Hebreus 4:12.<sup>10</sup> Mas a primeira não pode ser usada para apoiar a tricotomia mais do que Marcos 12:30<sup>11</sup> pode ser usado para apoiar a tetracotomia. A segunda passagem não diz “dividindo entre”, mas “até à divisão da”. Ela está falando do poder da palavra de Deus de penetrar as partes mais profundas e remotas do homem, tanto sua parte imaterial como material. Fala de “alma e espírito” da mesma maneira que fala de “pensamentos e intenções do coração”, duas visões da mesma coisa. Assim, nenhuma dessas passagens fornece apoio claro para a tricotomia, e sem dúvida elas devem ser interpretadas à luz do restante da Escritura, que fornece evidência sobrepujante para a dicotomia.

### 1 Coríntios 14:1-33

Abordar 1 Coríntios 14 com uma visão dicotomista e entender a definição bíblica de “mistério” resulta num entendimento dessa passagem que é completamente oposto ao ensino carismático moderno sobre as línguas. Os versículos 2-4 dizem que aquele que fala em línguas “fala mistérios” (revelação do evangelho compreensível) e ele mesmo é edificado, de forma que entende as palavras que saem da sua boca. Mas os outros na igreja não o entendem e não são edificados. O argumento inteiro de Paulo nesse capítulo é que não pode haver edificação para ninguém na igreja, se o entendimento estiver ausente. De forma significativa, 1 Coríntios 14 era usado pelos Reformadores para demonstrar o mal de conduzir cultos de adoração em latim, uma linguagem que o povo comum não entendia. A Bíblia não conhece nenhum conceito de edificação à parte do entendimento. Sobre esses versículos, Victor Budgen escreve,<sup>12</sup>

Não estamos interpretando a Escritura apropriadamente se de repente nos voltamos para categorias budistas ou místicas de pensamento, quando pensamos na edificação que o dom de outras línguas traz. Obviamente, ele vem ao indivíduo com precisamente o mesmo efeito que a profecia pública sobre a

---

<sup>9</sup> “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.

<sup>10</sup> “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração”.

<sup>11</sup> “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento”.

<sup>12</sup> Victor Budgen, *The Charismatics and the word of God*, p. 49, Evangelical Press, 2001. ISBN 0-85234-264-0.

congregação. O que falava entendia e era fortalecido, encorajado e confortado.

Os carismáticos não encontram nenhum apoio para as suas visões no comentário de Matthew Henry.<sup>13</sup> Comentando sobre 1 Coríntios 14:4, Matthew Henry escreve: “Aquele que fala em línguas pode edificar a si mesmo, v. 4. Ele pode entender e ser afetado pelo que fala; ... mas aquele que fala em línguas, ou idioma desconhecido, pode edificar somente a si mesmo; outros não podem colher nenhum benefício do seu discurso.”<sup>14</sup> O. Palmer Robertson também lida habilmente com o erro carismático em seu livro e escreve sobre esses versículos-chave,<sup>15 16</sup>

Se aquele que se expressa numa língua pudesse ser edificado, mesmo quando não entende o que fala, não poderia a congregação esperar ser edificada da mesma forma? Se as sensações associadas a articulações de sons como ‘*quesylesspoyoi*’ [ou, ‘alabacanta alabachéia’ no Brasil] têm o poder de edificar o orador, por que essas mesmas sensações vibrantes não poderiam ter o mesmo efeito edificante nos ouvidos do ouvinte?

Mas um auditório não é edificado nem sequer um pouquinho, não importa quão zeloso seja o pregador, se a mensagem é ininteligível. Paulo deixa isso bem explícito. Ninguém é edificado quando ninguém entende (1 Coríntios 14:2). A edificação através de um dom verbal é intrinsecamente associada à compreensão da mensagem.<sup>17</sup>

O versículo 5 demonstra a equivalência das línguas à profecia quando acompanhada de interpretação. A importância disso é vista no versículo 28, onde Paulo proíbe que as línguas sem interpretação sejam faladas na assembleia. Paulo entendia claramente o significado simbólico das línguas sem interpretação na congregação, como evidenciado por sua citação de Isaías 28:11, 12 no versículo 21. O judeu bíblico entendia a partir dessa passagem, bem como muitas outras passagens do Antigo Testamento como Dt. 28:49, Jr. 5:15 e Gn. 11:7, que idiomas estrangeiros não entendidos na congregação era um sinal de julgamento iminente sobre a congregação do povo. Esse é o motivo dos judeus em Atos 2 responderem com a acusação de embriaguez ou loucura. Falar idiomas estrangeiros na área santa do templo ou num dia santo, quando apenas o hebraico deveria ser falado, era sacrilégio ou um sinal da

<sup>13</sup> Curiosamente publicado no Brasil pela CPAD, uma editora Pentecostal. (Nota do tradutor)

<sup>14</sup> Matthew Henry’s Commentary, *Acts to Revelation*, Vol VI, p. 578, MacDonald Publishing, ISBN 0-917006-21-6.

<sup>15</sup> O. Palmer Robertson, *The Final Word*, p. 29, Banner of Truth, 1997. ISBN 0-85151-659-9.

<sup>16</sup> Esse excelente livro foi publicado no Brasil pela Editora Os Puritanos, com o título “A Palavra Final: Resposta Bíblica à Questão das Línguas e Profecias Hoje”. (Nota do tradutor)

<sup>17</sup> Ver o trecho completo em:

[http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/Palmer\\_Linguas\\_Hoje.pdf](http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/Palmer_Linguas_Hoje.pdf) (Nota do tradutor)

parte de Deus de julgamento iminente. O último foi provado ser o caso 40 anos mais tarde.

Os versículos 6-13 demonstram que o problema das línguas por si mesmas é que as outras pessoas não entendem o que é falado. Paulo não está preocupado com o entendimento daquele que fala, porque este obviamente entende o que procede dos seus lábios, como demonstrado nos versículos anteriores. Paulo queria que aquele que falasse em línguas orasse para que pudesse interpretar também, a fim de que a congregação fosse edificada juntamente com o orador. Alguém poderia perguntar por que aquele que fala em línguas precisava do dom de interpretação, se ele entendia as palavras articuladas por sua boca. Você já tentou recitar de memória um Salmo inteiro ou todo um capítulo da Escritura, logo após ouvir o mesmo apenas uma vez? Fazer uma tradução sem erros da revelação para outro idioma sem dúvida requereria o dom sobrenatural do Espírito Santo.

Chegamos agora ao versículo 14, o versículo-chave nessa passagem para os carismáticos. O dicotomista entende que o espírito da pessoa não pode orar sem entendimento consciente. Tal conceito é completamente alheio às Escrituras. Assim, quando Paulo diz, “mas o meu entendimento fica sem fruto” no contexto de sobre o que ele vinha falando, que é a edificação da assembléia, Paulo está obviamente dizendo aqui que o entendimento daquele que fala em línguas não produz fruto na assembléia. “Meu entendimento” implica que o que fala em línguas entende. Como pode alguém ter entendimento sem entendimento? Mas esse entendimento não produz fruto, e na mente de Paulo fertilidade significa edificação da congregação. Essa interpretação é reforçada também pelo versículo 17, onde Paulo diz: “porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado”. Assim, falando desses versículos no contexto, o orar e cantar “com o espírito” nos versículos 15-16 implica que o orador entende e é edificado. “Com o entendimento” implica que a congregação também entende e é edificada.

Vemos a humildade incrível de Paulo e o seu pensamento nos outros no versículo 19. Embora agradeça a Deus por falar em línguas, ele prefere antes falar cinco palavras que edifiquem a congregação do que receber 10.000 palavras de revelação direta de Deus que edifique somente a ele. Contraste isso com o típico carismático egocêntrico, que sempre cuida de buscar “uma palavra pessoal da parte de Deus!”

Como mencionado anteriormente, o judeu entendia o significado simbólico dos idiomas desconhecidos em sua terra natal. Dessa forma, Paulo diz no versículo 22 que as línguas são um sinal para esses judeus incrédulos. Assim, se esse judeu chegasse a uma congregação onde línguas sem interpretação eram pronunciadas, ele naturalmente diria: “você estão loucos?” Mas Paulo novamente diz que a profecia (ou línguas interpretadas) edifica a congregação, trazendo arrependimento e adoração a Deus (versículos

24, 25). Ele ordena que eles façam todas as coisas para a edificação de toda a congregação (versículo 26) e proíbe as línguas sem interpretação (versículos 27-28). O uso por Paulo da frase, “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas”, no versículo 32, também mostra entendimento e falar consciente pelo espírito do homem, que contradiz a visão tricotomista dos carismáticos.

## **Conclusão**

Concluindo, uma interpretação tricotomista de 1Co. 14 é necessária para apoiar a doutrina carismática, mas isso leva a todos os tipos de inconsistências e problemas dentro do capítulo e com o restante da Bíblia. Uma interpretação dicotomista de 1Co. 14 é consistente com o contexto do capítulo e o restante da Escritura, mas leva a uma conclusão completamente oposta ao ensino carismático sobre esse capítulo. O tricotomista carismático chama o falar ininteligível na congregação de uma coisa boa, enquanto o dicotomista vê isso como algo ruim. O tricotomista é necessariamente levado à introspecção e pensamento individualista (apenas eu e Deus) à medida que tenta distinguir o que é espírito e o que é alma, enquanto o dicotomista vê essa passagem nos ensinando a pensar nos outros. O tricotomista vê essa passagem como validando as línguas carismáticas modernas, enquanto o dicotomista vê a mesma refutando claramente as línguas carismáticas. Todavia, o dicotomista que entende essas coisas é também ordenado por esse capítulo a procurar e lutar pelo entendimento dessas coisas por seus irmãos carismáticos também, para que “todos possam, aprender e todos possam ser encorajados.”

## **Autor**

Dan Brown foi um carismático por 27 anos, até que Deus misericordiosamente o libertou e toda a sua família desse engano. Ele serve agora como presbítero regente na Redeemer Presbyterian (PCA) em Madison (Alabama), e também ajuda a moderar [ExCharisma@yahoogroups.com](mailto:ExCharisma@yahoogroups.com), um dos muitos grupos da internet que ajudam ex-carismáticos a se integrarem em igrejas ortodoxas.

**Fonte:** <http://www.the-highway.com/>